

Carlos Conde

JORNAL DE BRASIL
Sarney

1977 1975

Diplomacia presidencial

Os recentes gestos de política externa do governo Sarney e a entrevista que ele acaba de conceder a correspondentes estrangeiros baseados no Brasil já formam um arcabouço de diplomacia presidencial que merece ser examinado.

Sarney, que não esconde seu gosto pela diplomacia, rejeita a perspectiva de uma presença "passiva e abstrata" do Brasil no Brasil. Ele prega, expressamente, uma "presença ativa", capaz de refletir importantes necessidades da sociedade nacional. Sabe que essa participação só será valorizada na medida em que o Brasil se apresentar perante o mundo com visão própria dos acontecimentos mundiais e com interesses nacionais legítimos e autênticos.

No exame mais específico dos principais temas da política externa ou da conjuntura internacional, Sarney faz questão de marcar o Brasil como um País confiável, que cumpre seus compromissos. Essa mensagem está clara quando ele fala principalmente do pagamento da dívida externa e da implantação do acordo atômico com a República Federal da Alemanha. No primeiro caso, o presidente não foge às obrigações, assumidas em má hora e de forma inadequada, com a co-responsabilidade (ou irresponsabilidade?) dos banqueiros internacionais. Só que ressalta — e o faz bem — a evidência de que o Brasil não pode condicionar esse pagamento a um sacrifício ainda maior de seu povo. Essa é a condicionante. No caso do acordo nuclear com a Alemanha, bem como do

programa atômico como um todo, o chefe de governo afirma que ambos estão sujeitos "a algumas retificações estratégicas".

Ferindo o tema da América Central e de Cuba, Sarney expõe a posição da Nova República. Ele rejeita a idéia do Brasil entrar no Grupo de Contadora, formado por México, Venezuela, Colômbia e Panamá, e que busca uma saída pacífica para a crise centro-americana. Não vê em que o acréscimo de um País poderia melhorar o funcionamento do processo. Mas se declara disposto a examinar providências "mais concretas e objetivas" para que Contadora possa cumprir eficientemente seu papel. É bom que o presidente diga isso. O Itamaraty da Nova República tem-se mostrado muito tímido em relação a qualquer novo passo diplomático nessa área. Quanto a Cuba, Sarney lembra que o normal é os países terem relações. Nesse sentido, ele determinou um estudo aos principais órgãos do seu governo a respeito do reatamento com Havana e aguarda as conclusões que segundo ele, não devem demorar.

Outro tema que o presidente da República abordou foi o das sanções contra a África do Sul. A pergunta foi feita pelo correspondente da agência de notícias oficial de Angola. Ele queria saber que passos o governo brasileiro pretende dar em relação a "sanções voluntárias" propostas pela ONU. Sarney saiu pela tangente, dizendo apenas que é irrepreensível a atitude brasileira contra o **apartheid**.